**A revolução do CGI no cinema**

*O impacto da tecnologia na arte de atuar e a questão ética e moral por trás dessa nova tendência cinematográfica.*

Gabriel Souza Rossi, RA 12.123.060-1, CSJ060-016

Stefany Loureno Ferreira, RA 12.222.072-6, CSJ060-016

 Nos últimos anos, temos testemunhado uma verdadeira revolução na indústria cinematográfica com a utilização de tecnologias avançadas como o CGI (Computer Generated Imagery). Há, entretanto, o questionamento ético e moral sobre o uso de tais tecnologias, como para rejuvenescer, modificar ou até mesmo “ressuscitar” atores já falecidos. Essa tendência, além de levantar tais questões, impacta enormemente na produção de filmes e, principalmente, nos métodos de atuação dos artistas.

A discussão que tem início abaixo foi fomentada pela conversa com Adalberto Flaviano Piotto Filho, estudante e entusiastas da sétima arte.

Uma das maiores e mais recentes polêmicas é a recriação de atores já falecidos por CGI. Isso se dá uma vez que eles já não podem dar consentimento por si só para aparecerem em novos filmes e há uma questão de violação da dignidade, privacidade e principalmente do legado que esses artistas deixaram. Contudo, estúdios de cinema que defendem a ideia, contra-argumentam que isso, na verdade, pode ser visto como uma homenagem aos artistas e que suas famílias são sempre consultadas para que haja permissão quanto ao uso de imagem.

Além disso, a tecnologia de CGI também tem impactado diretamente os atores. Como muitos deles são filmados em estúdios com ambientes fechados e controlados, com diversos fundos verdes e roupas de captação de movimento, não existe ali o típico romantismo de um set de filmagem a céu aberto, como nos áureos tempos do cinema de décadas atrás, o que afeta diretamente no método e interpretação dos atores. Artistas como Keannu Reeves, Josh Brolin e Bill Nighty comentaram sobre como a frieza do ambiente e a falta de interação afeta a atuação, tornando-a mais desafiadora e até mesmo monótona.

Todavia, há também os prós dessa mesma tecnologia, como o artifício de rejuvenescer atores mais velhos como um recurso de narrativa já aplicado em diversos filmes. Isso permite que eles interpretem personagens mais jovens sem a necessidade de maquiagens pesadas ou até mesmo intervenções estéticas. Há, dessa forma, uma grande utilidade, por exemplo, em franquias de filmes que necessitam que seus intérpretes mantenham uma mesma aparência a longo prazo.

Ao redor da utilização mais frequente do CGI, de trazer atores falecidos de volta à vida em novos filmes, há um debate sobre a intervenção de tal tecnologia no purismo do cinema. Nessa discussão, de um lado, críticos defendem que esse uso excessivo da tecnologia pode distrair o espectador da história e afastá-lo da experiência cinematográfica autêntica. Do outro, os defensores do CGI alegam que a intervenção tecnológica é importante e que seu uso responsável e criativo apenas aprimora a experiência dos filmes e expande os limites da sétima arte.

Em suma, a tecnologia de CGI tem tido um grande impacto na indústria cinematográfica ao longo dos anos, mas também tem levantado questões éticas e morais. Sobre seu uso para ressuscitar artistas, que pode ser visto tanto como uma homenagem quanto uma violação de legado, é importante que os estúdios de cinema considerem bem estas questões antes de utilizarem esse recurso tecnológico em seus filmes e demais produções.